

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



Como se vê, estamos frente a uma intensa vida editorial, que iremos encontrar mais definida no século seguinte, como tão bem o mostrou Henri-Jean Martin, in *Livre, Pouvoirs et Société à Paris au XVII^e siècle (1598-1701)*, nesse monumental «Essai d'inventaire» que é a I secção da II parte, onde não falta a referência às «folhas volantes» como veículos de poesias, notícias e até, em forma de panfletos, de problemas de matemática na vida agitada da capital francesa de Seiscentos.

Mas regressemos à obra de Moñino, escrita num estilo a que não falta verdadeira «dignitas», apesar do esquematismo de tantas das suas páginas. Ela põe-nos perante a fragilidade do que afirmamos saber sobre essas épocas que ainda não são muito remotas na história europeia; mas também nos aponta e nos sugere uma imensidade de pistas de investigação, ao mesmo tempo que sacode salutarmente muito do que nos vamos habituando a ver como solidificado pelo consenso geral: «Entiendo que la visión de conjunto está llena de altibajos y de fallas y que el estado actual de nuestros conocimientos no nos permite todavía deducir consecuencias que tengan valor científico...», escrevera ele em *Construcción crítica y realidad histórica en la poesía española de los siglos XVI y XVII*, de 1963.

No entanto, e isto é ainda mais um motivo da nossa admiração por este trabalho enorme, dificilmente se poderá aguardar que surja outro investigador desta envergadura, porque a tarefa a que meteu ombros exige um conjunto de factores raramente coincidentes: saber imenso, dedicação absoluta, sacrifícios inavaliáveis e uma fortuna pessoal que supra o que os subsídios oficiais não podem dar. Tudo é necessário para: «Catalogar, leer, estudiar, criticar: sin estos cuatro supuestos previos, la historia de la poesía castellana en la época de Carlos V y Filipe II seguirá siendo un conjunto de opiniones sin trabajo, una serie de construcciones aisladas sin caminos que las enlacen y pongan en contacto; las piezas sueltas de una poderosa máquina a las que falta el acoplamiento y la energía que las convierta en motor dinámico», afirmara ele no já referido discurso de 1968. Quando teremos nós algo de parecido em Portugal?

Se houvesse necessidade de apontar um pequeno lapso nesta edição, só um nos ocorreria, meramente tipográfico: na passagem da p. 210 para a seguinte deve ter desaparecido uma linha. Mas em nada escurece o primor do trabalho do autor e do tipógrafo.

JORGE ALVES OSÓRIO

STANISLAW STABRYLA, *Latin Tragedy in Virgil's Poetry*, Kraków, Polska Akademia Nauk, 1970, 143 pp.

Publicada pela Polska Akademia Nauk e traduzida para língua inglesa por Marianna Abrahamowicz e por Maria Wielopolska, veio a lume, em 1970, uma dissertação da autoria de Stanislaw Stabryla a respeito das influências que a tragédia latina possa ter exercido na poesia de Virgílio. Esta obra foi primeiramente orientada por Wladyslaw Strzelecki e, depois da sua morte, por Mieczyslaw Brozek.

Mais acertado seria o título *Latin Tragedy in Virgil's Aeneid*, pois, como o próprio A. declara no capítulo final, poucas e duvidosas são as reminiscências de tragédia romana que podem encontrar-se tanto nas *Bucólicas* como nas *Geórgicas*, e a que, portanto, só marginalmente alude. Aliás, muito a propósito, lembra, neste ponto, a referência de Aristóteles (*Poet.* 1449b) às estreitas relações da tragédia com a epopeia, quanto ao carácter e natureza do assunto.

No primeiro capítulo, expõe a situação da tragédia no século de Augusto, concluindo que o interesse de Virgílio pelo drama do período republicano, numa época em que o teatro já só tinha carácter retórico-recitativo, se devia sobretudo aos conhecimentos adquiridos pelo poeta na escola e através de leituras ou de representações teatrais de peças antigas, e ainda — como muito bem observa — à influência de Asínio Polião e de Lúcio Vário Rufo.

No segundo capítulo, intitulado «Methodological Assumptions», Stabryla define as directrizes da sua obra, salientando que a grande dificuldade consiste em estremar as autênticas influências que um escritor exerce sobre outro das meras coincidências acidentais. Não bastará, portanto, o paralelismo verbal entre dois textos, para estabelecer entre eles um nexo de dependência; é necessário que a uma semelhança de forma corresponda também paridade de conteúdo. Assim, propõe-se o A. seleccionar os passos da obra do Mantuano em que, a par de notórias equivalências vocabulares e fraseológicas com antigas peças latinas, haja também concordância temática, pois, só em tais circunstâncias, estaremos perante uma imitação consciente.

Quanto a nós, nem sempre o A. foi bem sucedido.

Umaz vezes, divisa influências que nem mereceria a pena serem referidas, como quando compara o final do verso 91 do Livro I da *Eneida* (*intentant omnia mortem*) com a expressão *mortem ostentant* do frg. IX da *Atalanta* de Pacúvio, para concluir que a semelhança verbal é aqui puramente acidental e admitir, com Wigodsky, que talvez a influência se deva, antes, ao verso 186 do carme 64 de Catulo (*ostentant omnia letum*). Cremos que, com respeito a frases tão comuns como estas, em que fortuitamente foram usados verbos com o mesmo radical, nem sequer será caso para se falar de reminiscências de leitura.

Outras vezes, o A., preocupado em chegar a determinada ilação, não analisou com isenção e coerência todos os passos.

Assim, inexplicavelmente, ao confrontar o frg. III do *Erechtheus* de Énio com o texto do livro XI da *Eneida* que começa no verso 601, apesar de ambos os passos descreverem uma batalha e haver entre eles um marcado paralelismo verbal (*horrescunt tela* em Énio; *hastis horret ager* em Virgílio), considera que esta semelhança é casual e que não passa de mera reminiscência de leitura. Pelo contrário, não hesita em aceitar como imitação do frg. III da *Clytaemestra* de Ácio o verso 88 do livro I da *Eneida*, onde a semelhança verbal — que, neste caso, não é mais vincada do que a apontada acima — lhe basta para afastar a possibilidade de se tratar tão-somente de uma coincidência.

E mais: quando põe em paralelo a expressão *diuorsi circumspicimus* do frg. VI do *Medus* de Pacúvio e o hemistíquio *diuersi circumspiciunt* da *Eneida* IX, 416, conclui também por uma simples identidade vocabular. Ora parece-nos que, seja qual for o contexto em que a frase se encontre no referido drama (descrição de uma tempestade, segundo Ribbeck; reacção do povo à notícia da morte de Perses, segundo

Warmington), em ambos os casos é descrita uma atitude de desorientação, motivada pelo terror, desatino esse sugerido por *diuorsi* (= *diuersi*). Em contrapartida, o desconhecimento do contexto da tragédia *Troades* de Ácio não constitui óbice para que Stabryla assinale o paralelismo entre o frg. I dessa peça e *Eneida* I, 178 seqq. Não obstante, de seguro apenas se sabe que o referido passo dramático descreve a moagem do trigo, podendo até tratar-se duma metáfora. Mesmo assim, o A. não tem a mínima dúvida de que este trecho trágico influiu na epopeia, pois considera relevante, aqui, a dependência verbal.

O capítulo III constitui o núcleo da obra, pois o material coligido aí se encontra classificado, sistematizado e repartido por três sub-capítulos assim intitulados: «Verbal Borrowings», «Verbal and Material Borrowings» e «Verbal and Structural Borrowings».

Embora pensemos que nesta classificação e repartição do material reside a originalidade da obra, nem sempre concordamos com ela. Por exemplo, não nos parece bem que o A. tenha incluído na secção referente às influências de carácter temático, só com o intuito de não desmembrar as peças em estudo, o confronto entre o frg. VIII do *Philocteta* de Ácio e *Eneida* III, 221, embora entre estes dois textos apenas seja notório o paralelismo verbal.

Incompreensível é que, depois de declarar que o paralelo entre o frg. XVI da mesma peça de Ácio e o verso 724 do livro VIII da *Eneida* não deveria estar colocado no sub-capítulo «Verbal and Structural Borrowings», por entre eles só se poder descobrir semelhança vocabular, acabe por concluir que talvez seja possível vislumbrar um certo paralelismo temático entre estes dois passos.

Improcedente é a inclusão dos fragmentos do *Aegisthus* de Ácio no terceiro sub-capítulo, juntamente com os da *Clytaemestra*, só pelo facto de se ter chegado à conclusão que os dois títulos se referem à mesma peça, embora entre a *Eneida* e os fragmentos subordinados à primeira daquelas epígrafes haja apenas semelhanças temáticas e não estruturais.

O IV capítulo, muito bem elaborado, contém conclusões acerca do grau de influência dos vários autores dramáticos romanos sobre a obra de Virgílio. Segundo as pesquisas de Stabryla, Virgílio terá seguido Lívio Andronico e Névio no uso de certas expressões, terá imitado Pacúvio sob o ponto de vista vocabular e, por vezes, temático-verbal, e terá sofrido de Énio e de Ácio influências de carácter estrutural.

Inteligentemente, infere as razões que devem ter levado Virgílio a imitar sobretudo Énio e Ácio. O primeiro era especialmente adaptável, pois, além de tragediógrafo, foi também autor épico. Quanto ao segundo, um factor importante deve ter sido a sua posição eminente entre os escritores romanos, bem como as suas elevadas qualidades estilísticas assim referidas pelo A. (p. 123): «the expressive way in which his ideas were formulated, the lively dialogue, the dynamic course of the action, and the great number of poetic figures and metaphors».

No capítulo «Conclusions», passa em revista tudo quanto se tem escrito sobre esta matéria. Afirma que já na obra de Sérvio (tanto o original como o chamado Sérvio *Danielis*) e de Macróbio, com base em colecções de *furta* compiladas no século I, aparecem vários paralelos entre as obras de autores gregos e latinos e passos da obra de Virgílio. Dos vários especialistas que modernamente se debruçaram sobre este assunto, menciona Regel como o primeiro a estabelecer uma relação entre o drama latino e a obra de Virgílio, salientando, no entanto, que este autor se

limita quase exclusivamente a citar e a comentar os autores antigos que foram pioneiros nesta matéria. Stabryla refere ainda o comentário de Norden ao livro VI da *Eneida*, que, no entanto, mais não é do que um estudo parcial. Tem em grande conta a obra de Wigodsky, onde apenas num capítulo intitulado «Pacuvius and Accius» é estudada, em parte, esta influência. O A., ao publicar esta obra, propõe-se, portanto, colmatar uma lacuna que, de há muito, se fazia sentir.

Pena é que tenha de estabelecer confrontos com textos sobre os quais pouco se sabe e que, portanto, mesmo arquitectando hipóteses por vezes felizes, se sinta pouco confiante e como que a construir um engenhoso edifício com frágeis alicerces. Com receio de se aventurar mais do que deve, raramente Stabryla é categórico nas suas afirmações e, muitas vezes, não vai tão longe quanto seria de esperar na exploração das metáforas e dos confrontos.

Assim, ao incluir o paralelo do v. 180 do livro I do *Chryses* de Pacúvio no sub-capítulo referente às influências vocabulares, não vê entre os dois passos um nexó temático, que a nós nos parece absolutamente aceitável. Na peça de Pacúvio, segundo a reconstrução de Ribbeck, Pílates, ou outro companheiro de Orestes, observa o mar de um alto rochedo, provavelmente com receio da chegada dos navios do Rei Toas. No passo da *Eneida*, o herói troiano contempla o oceano que lhe destroçou a frota. O A. alega que não há aqui semelhança temática, pois a disposição de espírito de Pílates e de Eneias divergem. Quanto a nós, não existe tamanha divergência, pois talvez ambos olhem o mar como fonte de males. Mas, mesmo sem considerarmos a interpretação que se possa dar à peça, o certo é que se trata, tanto num como no outro passo, da descrição dos movimentos de alguém que escala um rochedo para abranger com o olhar a vasta extensão do oceano. A semelhança de atitudes físicas, mesmo que não tenhamos em conta a disposição de espírito das personagens, bastaria para que este confronto pudesse ser incluído na alínea das influências temáticas, tal como o A. faz quando compara o frg. I de *Troades* com *Eneida* I, 178.

A respeito da metáfora que relaciona *squalere*, *squalidus* ou *squama* com *aurum* escreve (p. 373): «It is worth noting that in all the mentioned passages of the *Aeneid* in which Virgil used the combination of the words «squama» and «aurum», we find a description of shields or covers (with the exception of *Aen.* X, 314, where mention is made of Turnus' tunic)». Ocorre-nos perguntar se a referência a uma túnica deverá, de facto, ser considerada uma excepção, pois uma túnica, sendo também um resguardo, poderia ser abrangida pela mesma metáfora.

Veze há em que o A. vai longe demais, exorbitando até dos propósitos da obra, como quando pretende reconstituir a partir da *Eneida*, a peça de Énio *Andromacha Aechmalotis* e a de Ácio *Deiphobus*. Cai numa petição de princípio, pois pretende reconstituir os «modelos» com base na «imitação», desconhecendo em que medida esta dependerá daqueles.

Não fique, porém, a impressão de que a leitura da obra nada de útil nos traz. Além da repartição do material, que, como já ficou dito, constitui a sua principal originalidade, muitas soluções verdadeiramente brilhantes são propostas pelo A. e só lamentamos que, por vezes, ele as apresente tão timidamente.

Por exemplo, observa argutamente com respeito à peça *Melanippa* de Énio que a conjectura de Ribbeck segundo a qual o frg. IV faria parte de um «canticum» de carácter filosófico e naturalístico talvez não se deva aceitar devido à métrica,

pois o hexâmetro dactílico não é próprio deste género literário, e que, por exemplo, o texto poderia estar integrado na narrativa do regresso de Éolo.

É muito interessante o simbolismo do arco que propõe em relação ao paralelo do *Philocteta* de Ácio com a *Eneida* IX, 622 seqq., dizendo que, assim como Tróia só poderia ser conquistada pelo arco de Filoctetes, também um arco (o de Ascânio) contribuiria para fundar Roma.

Tendo verificado que Virgílio imitou passos de algumas tragédias de Ácio a que Varrão e Cícero não tinham aludido, conclui com clarividência que o poeta deve ter feito pesquisas pessoais sobre esta peças, quando se preparava para empreender a *Eneida*.

Para concluir, diremos que dentro das limitações impostas pelo tema e salvo algumas incongruências flagrantes, a presente obra tem o mérito de tentar descobrir e classificar os nexos existentes entre a tragédia latina e a epopeia de Virgílio.

A fechar a obra, depois de uma bibliografia seleccionada, o A. apresenta um *Index Auctorum et Locorum* muito útil e bem elaborado.

ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR

AESCHYLUS: The Suppliants. Volume I. The text with introduction, critical apparatus and translation by H. FRIIS JOHANSEN. The Scholia with introduction and critical apparatus by OLE SMITH. *Classica et Mediaevalia — Dissertationes VII. I Kommissionos Gyl-dendalske Boghandel, Nordisk Forlag. Kobenhavn, 1970, 171 pp.*

Dedicado à memória de Eduard Fraenkel veio a lume em 1970 o volume I desta meritória edição de *As Suplicantes* de Ésquilo. Friis Johansen, na impossibilidade de publicar na mesma altura o comentário, decidiu dar à estampa este volume, que, depois de uma apreciável introdução, contém, a par do texto por ele estabelecido, acompanhado de um extenso e escrupuloso aparato crítico, a tradução da peça em língua inglesa.

Na Introdução, Johansen começa por apresentar uma minuciosa e acurada história da transmissão do texto, analisando, por um lado, os erros e variantes dos manuscritos e propondo, por outro, um *stemma codicum*. Expõe, em seguida, os princípios que o nortearam no estabelecimento do texto. Uma bibliografia seleccionada de edições, de livros e de artigos, uma lista de siglas e de abreviaturas e a didascália do papiro de Oxirrincos XX, 2256,3 encerram este capítulo.

Com esta recensão crítica, pretendemos prestar também o nosso pequeno contributo para a análise de uma peça tão fértil em problemas, satisfazendo, assim, o desejo manifestado por Johansen, no prefácio («I expect to derive one great advan-